

## DO PROFESSOR LOUREIRO E DOS PROFESSORES

Zulmara Clara Sauner Posse\*

Senhores Professores:

Vê-los todos juntos, remete-me imediatamente à condição de aprendiz. Como eterno estudante continuo aprendendo além do conhecimento modelos que orientam o aprendizado. Os professores presentes representam tudo o que jamais saberei e que sempre aspirei atingir. Com o respeito e carinho pelo saber que acumularam e tentaram nos ensinar, faço um corte, utilizando o prof. Loureiro como referência. Certamente diante da pluralidade corro o risco do reducionismo, pois ainda sou um aprendiz.

Observar a realidade humana, analisá-la na perspectiva científica, divulgá-la e proteger o seu patrimônio, aprendi com os senhores e simultaneamente com o prof. Loureiro.

A figura ímpar do prof. Loureiro despertava em seus alunos fascínio e profundo respeito. No ano de 1967, os calouros do Curso de História aguardavam na sala 612 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras o professor de Antropologia, que segundo os veteranos, era extremamente exigente. Esperávamos um homem alto, forte e sisudo diante as referências que nos haviam sido dadas. Eis que passa no corredor, em frente a porta da sala, um homem baixinho, gordinho, com um chapéu na mão e emitindo uma sonora gargalhada, a qual chamara a atenção dos alunos. Logo após, entra na sala de aula este mesmo senhor e se apresenta: - **“Sou o prof. Loureiro, da Cadeira de Antropologia”**. Espanto geral, seguido de silêncio, pois o prof. Loureiro não mais parou de falar.

No dia da aula de Antropologia, ao chegar na sala 612, os alunos encontravam os dois quadros negros todos escritos e o prof. Loureiro em frente a mesa. A paixão com que falava contagiava a todos, não deixando espaço para conversas paralelas entre os alunos. O silêncio se mantinha, não por medo, mas por admiração e respeito. Certo dia, comunica: - **“Haverá um curso de Antropologia Física**

\* Professora Doutora do Departamento de Antropologia, aposentada pela UFPR. Aluna da última turma na qual o prof. Loureiro lecionou a Cadeira de Antropologia Brasileira.

**ministrado por M. Harteweg, em francês e sugiro que todos o curseem**". Certamente poucos não o cursaram pois, uma indicação como esta era suficiente. De outra feita, continuando a aula, comenta que seriam realizadas pesquisas arqueológicas nos sambaquis do litoral do Paraná. Passa a descrever uma pesquisa que havia realizado e aponta para alguns alunos dizendo: - "**Fulano e sicrano vão ao Departamento de Antropologia falar com a profa. Maria José**". Sem saber para que, os alunos dirigem-se ao departamento e descobrem que estavam sendo indicados para participar do trabalho de campo no Sambaqui do Toral, em Alexandra. Desse modo inicia-se para nós um longo aprendizado nos laboratórios do Departamento de Antropologia, no Museu de Arqueologia e Artes Populares (MAAP), no Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica (CEPA) e, nas atividades de campo junto aos professores de Arqueologia, sob o olhar atento do prof. Loureiro, que se aposentou em 1968. A partir de então o prof. Loureiro dedica-se integralmente ao MAAP.

A perspectiva do pouco conhecido que precisava ser desvendado, norteou as atividades daquele professor.

Como humanos viviam neste território antes da vinda dos europeus, como continuaram a viver o que resultou do contato? Estas questões de ordem pessoal tornaram-se um complexo problema que deveria ser resolvido na ótica da ciência. Resultaram em pesquisas arqueológicas, etnográficas e antropológicas.

Que cenário ambiental, qual a dieta alimentar, que técnicas são utilizadas na obtenção, preparo e consumo dos alimentos, para habitar, se abrigar, invocar os deuses, despedir-se dos mortos, comunicar-se, celebrar a vida? Isto é, como através da produção material da cultura é possível entender tais humanos? Certamente não são somente estas as questões que o motivaram a pesquisar. Inúmeras outras existem, porém atendo-me as que pude perceber nos trabalhos do prof. Loureiro.

Em 1992, o Departamento de Antropologia, juntamente com outros departamentos da Universidade Federal do Paraná e a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, elaboram o *Projeto Professor Loureiro*. Objetivava arrolar a documentação oriunda da biblioteca e do arquivo particular deste professor, depositados no Círculo de Estudos Bandeirantes.

O relatório preliminar agrupou alguns grandes temas, sobre os quais incidia a documentação. São eles: antropologia, arqueologia, folclore, geografia, história, educação, medicina, museus, patrimônio, política e instituições que criou e participou no período de 1929 a 1976.

Diante da abrangência, poder-se-ia pensar na superficialidade

no tratamento dos assuntos, ou na preocupação do diferente como exótico. Visão etnocêntrica, onde o outro é percebido na posição de inferioridade tecnológica, moral, institucional, cultural enfim.

Para o prof. Loureiro, índios, caipiras, caboclos configuravam-se num universo, onde a diferença significava o outro lado da humanidade que não sou, e portanto equivalente em complexidade. Nada há, por conseguinte, de ocasional ou aventureiro, mas uma perspectiva acadêmica e científica, situando os protagonistas da história humana.

O conjunto dos documentos revela muito mais que um pesquisador preocupado com seu objeto de estudo. Apontam para um profundo envolvimento e engajamento social com os grupos que estudava. Para pesquisar, divulgar e proteger, tornava-se necessário articular em todas as instâncias e organizar institucionalmente. Isto se depreende dos cargos políticos que assumiu, nas instituições que fundou, nos congressos nacionais e internacionais que participou e organizou, nos trabalhos que publicou e na vasta correspondência nacional e internacional que mantinha com pesquisadores, universidades, institutos, enfim entidades científicas e políticas. Tal preocupação não se atinha ao círculo do meio acadêmico ou de especialistas. O conhecimento produzido deveria tornar-se público, acessível a todos, daí sua vinculação com o ensino. Os documentos revelam que para o prof. Loureiro a pesquisa e o ensino são duas faces de uma única moeda, a construção da consciência da sociedade regional e nacional.

Na década de 1990, retomam-se as pesquisas de laboratório no MAAP, em Paranaguá e encontram-se alguns textos escritos pelo prof. Loureiro em 1944. A leitura apresentava inúmeras dificuldades: papel transparente escrito com caneta tinteiro, páginas não numeradas, alguns pedaços de papel escritos junto às folhas, indicando que encaixavam-se no texto, em algum lugar, uma figura com desenho não acabado.

Como organizar, para poder ler? Fotocopiado, iniciou-se o lento processo de ler, reler, ler, reler, até encontrar a seqüência, decifrar pelo papel transparente, incluir os pedaços de papel e a figura. Montado e paginado, eis a surpresa: eram textos inéditos sobre as *As Indústrias Locais* e *A Contribuição ao Estudo do Mobiliário e Utensílios do Litoral Paranaense*. Para publicá-lo, outros problemas: as referências encontravam-se apenas indicadas, ora o sobrenome do autor, ora o nome, ora o título da obra, as notas de rodapé apresentavam-se às vezes mais extensas que a descrição no corpo do texto, incluíam citações sem páginas ou data, ou autor, ou título da obra, indicando claramente que era um texto em construção.

Durante dois anos garimpou-se as referências que deveriam

ser anteriores a 1944, pois as edições posteriores, possuíam alterações. Todas as bibliotecas por onde o prof. Loureiro poderia ter passado foram pesquisadas. Finalmente, organizado, como manter-se o mais fiel possível ao estilo do autor, para adequar-se à publicação 50 anos após, onde as normas editoriais são completamente diferentes?

Neste trabalho arqueológico sobre o prof. Loureiro, entre 1990 e 1993, são encontrados os originais do texto de Júlio Alvar, escrito juntamente com o prof. Loureiro em 1975 sobre o fuso e a concha.

O texto escrito pelo prof. Loureiro, *Indústrias Locais* refere-se ao beneficiamento do arroz, à fabricação e industrialização da farinha de mandioca, à fabricação da cerâmica, da tecelagem, os equipamentos, as matérias-primas, sua circulação e os utensílios domésticos.

O texto seguinte, *Contribuição ao Estudo do Mobiliário*, remete-se ao interior da casa caiçara, a sala, o quarto, seus utensílios e o oratório.

O texto de Júlio Alvar, *Fuso e Concha*, fora escrito a partir da pesquisa realizada em 1974, juntamente com prof. Loureiro, no MAAP. Relata passo a passo a confecção destas duas peças fundamentais para a produção da farinha de mandioca. O trabalho é realizado por um “caboclo litorâneo” que as vai produzindo e explicando as técnicas, os termos, a matéria-prima, os instrumentos, isto é, a arte da transformação de uma tora no “tornilho” do fuso e, o seu negativo, que é a “porca da concha”. Além do trabalho descritivo, o texto é totalmente ilustrado com desenhos de Júlio Alvar.\*\* Há também um filme, que documenta as 54 horas, em que o prof. Loureiro, Alvar e Virgilino estiveram juntos, na elaboração dos instrumentos. Penso que se encontra no MAAP, porém a ele não tive acesso.

Os originais do prof. Loureiro, segundo ele próprio, resultam das pesquisas que, desde 1930, vinha realizando no litoral sul do Paraná. Representam os elementos básicos com os quais concebeu e organizou o circuito do MAAP, em 1958. Das pesquisas arqueológicas no litoral, a exposição sobre as sociedades pré-históricas, dos índios Kaingáng e Xetá, da exposição sobre as sociedades tribais, do caboclo do litoral e o caipira do planalto.

Neste circuito, a técnica resultante na cultura material é o fio condutor, o qual permite realizar as demais leituras da realidade humana.

O prof. Loureiro se refere a estas técnicas alicerçadas na tradição como arte, tal o significado simbólico que lhe atribui. Sua percepção não estava equivocada pois, vinte anos após, Lévi-Strauss, ao

\*\* Os textos mencionados constam da coletânea organizada por Zulmara C. S. Posse e publicada pela Editora da UFPR, em 1996, sob o título: A Arte das Tradições Populares (N. do Ed.).

escrever o *Pensamento Selvagem* analisa a “ciência do concreto” como expressão dos grupos que constroem a vida baseados na tradição. Para haver a simples transmissão de tal conhecimento, foi necessário durante milênios, analisar a natureza circundante, classificar cada elemento, evidenciá-lo na relação com o todo, para então utilizá-la. Mas, os objetos não são somente utilitários, incluem a concepção estética, como resultado das relações entre os homens, os animais, os vegetais, o solo, as águas, as estações, o universo e os deuses.

Este tipo de conhecimento conduziu a humanidade pelo menos por 2 milhões de anos. A expressão que o prof. Loureiro utiliza, a arte das tradições populares, etnográficas e pré-históricas, antecede um postulado teórico da antropologia contemporânea na compreensão destes grupos humanos. Daí seu encantamento com as técnicas da pré-história, das sociedades tribais históricas, dos caiçaras, caboclos e caipiras, como expressão materializada de um grupo social.

Nesta mesma década, o Departamento de Antropologia da UFPR organiza o seu acervo etnológico e, realiza uma mostra permanente sobre a pesquisa do prof. Loureiro com o grupo tribal Xetá. Os primeiros registros sobre os Xetá encontram-se na caderneta de campo do prof. Loureiro, na verdade, um caderninho de aritmética, onde relata todos os acontecimentos das expedições na Serra dos Dourados. Além disso, descreve as peças oriundas das pesquisas, a matéria-prima em minúcias e estabelece o roteiro do documentário sobre o grupo.

Observa-se, pela caderneta, que as publicações decorrentes das pesquisas assim como o documentário são apenas parte do que observou e analisou sobre os Xetá. Há também registro e descrição sobre o sistema de parentesco, a organização social e os mitos revelando que a ênfase dada à cultura material estava baseada na leitura da sociedade como um todo.

Em 1998, trabalhando com o acervo do Museu Paranaense, desenvolveu-se o projeto sobre o acervo Kozák, ali depositado e até então não estudado. Dentre o material fotocinematográfico, sobre várias sociedades tribais, avulta a referente ao grupo tribal Xetá. O material compreende grande parte das duplicatas obtidas por ocasião das pesquisas de prof. Loureiro junto ao grupo, nos anos de 1955 a 1961 e que se encontram no MAAP. Há, sem dúvida, muitas outras fotos decorrentes das visitas individuais de Kozák aos Xetá.

O registro realizado por Kozák não possui informação escrita alguma nas fotos, assim como a cinematográfica não possui narração, nem seqüência temporal.

Graças ao trabalho publicado pelo prof. Loureiro e o

documentário sobre os Xetá, resultados das pesquisas realizadas entre 1955 e 1959, foi possível ordenar o material, pois são matrizes sobre as quais todas as demais publicações posteriores ocorreram. As estas foram acrescentadas todas as publicações conhecidas sobre os Xetá, assim como as relações de viagens de Kozák, existentes no Museu Paranaense, que escritas em tcheco, foram só então traduzidas para o português.

Os rolos de filmes referentes aos Xetá encontravam-se depositados na Cinemateca Brasileira para telecinagem, pois necessitavam recuperação e transferência para fitas VHS. Da pesquisa sobre todo este acervo resultou um CD-Rom denominado *Quem São os Xetá*, que trata da trajetória histórica da ocupação indígena no atual território paranaense. Este CD-Rom destina-se às Instituições de Ensino de 1º e 2º grau, auxiliando os professores na discussão sobre sociedades tribais. Era o mínimo que poderíamos fazer diante da preocupação do prof. Loureiro com a educação e a divulgação do conhecimento.

Novamente, em todo o trabalho do prof. Loureiro sobre os Xetá, encontra-se a perspectiva da relação homem com seu ambiente físico, evidenciado nas técnicas e na cultura material, não sob a ótica da sociedade e do homem, como um animal que se sujeita ao ambiente físico, mas como um ser que classifica e organiza, criando o mundo artificial da cultura.

Ainda no Museu Paranaense, no período entre 1995 a 1996, foi elaborado o Plano Diretor da Instituição, onde sistematicamente recorria-se aos trabalhos publicados e correspondência de toda ordem para fundamentá-lo. Resultaram as pesquisas em várias publicações, traçando a história do Museu Paranaense, as sedes, a constituição do acervo, a definição do seu perfil, enfim tantos outros temas associados. Emerge de tal documentação a figura do prof. Loureiro, no período entre 1936 e 1949. Todos os pesquisadores presentes sabem o que significou sua orientação ao Museu Paranaense, **“um centro de pesquisa que alimentava as exposições e publicava seus resultados”**. A pesquisa rigorosamente científica encontra, nas exposições, o espaço pedagógico para o conhecimento da população e, as publicações, o espaço para os especialistas.

Tal preocupação se consubstancia nas áreas de Arqueologia, Etnologia e Antropologia, na criação do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Departamento de Antropologia e Museu de Arqueologia e Artes Populares, todos órgãos da Universidade Federal do Paraná.

Qual a relação destes três órgãos com as categorias sociológicas que pesquisava? Sua documentação pessoal se refere sempre ao que “via desaparecer” e, à necessidade de preservá-las na memória.

Ao se referir à abertura da estrada de Curitiba-Paranaguá e Caiobá-Matinhos, dava-se conta que as condições concretas de existência que permitiam a produção cultural daqueles grupos estava ameaçada e se extinguiria com o inevitável avanço do “progresso”.

Desse modo o fandango do litoral, as cavalhadas de Palmas, a congada da Lapa, expressões de grupos, onde o modo de vida urbano e a industrialização tiveram pouca penetração, encontravam-se diante de um processo de mudança. Seus autores sociais não mais as produziram, pois as condições culturais que os originaram e ainda os mantinham estavam expostas a profundas transformações.

Fora do contexto original, seriam novas encenações, peças folclóricas, exóticas e congeladas no tempo.

Por isso, pesquisá-las, documentá-las e preservá-las no MAAp, no CEPA, no Departamento de Antropologia, para que seus produtores encontrassem no meio científico a referência validada das suas tradições, não como peças de museu, mas como registro precioso da memória social. Tal preocupação também se observa em relação aos índios do Paraná: para mantê-los seria necessário devolver suas terras, criar o Parque da Serra dos Dourados. Tal perspectiva é o que o faz lutar tanto na aprovação das leis do patrimônio, principalmente o arqueológico, pois destes grupos sociais da pré-história brasileira só restou a cultura material.

Logo, no MAAp, estão presentes, grupos sociais extintos, sociedades tribais em processo de integração e grupos tradicionais em situação de mudança. Em todos, a arte da produção material contém a própria arte de produzir a vida.

Para realizar localmente, tornava-se necessário conhecer nacional e internacionalmente, pesquisadores e instituições, que dessem suporte científico às propostas. Basta lembrar alguns na França, Paul Rivet, Annette e Joseph Empeaire do Musée de l’Homme; na Iugoslávia, Adam Orssich; em Portugal, Antonio Jorge Dias da Universidade de Coimbra e Mendes Corrêa da Universidade do Porto; nos Estados Unidos, Betty e Clifford Evans do Smithsonian Institution, com os quais, além de trabalhar junto nas pesquisas, também os trouxe para o Brasil para formar os futuros pesquisadores do Paraná em arqueologia, etnologia e artes populares. Seus interlocutores nacionais, Paulo Duarte, Luiz de Castro Faria, Herbert Baldus, Emílio Willems, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Edison Carneiro, Antonio Candido, Câmara Cascudo, Octavio Ianni, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Eduardo Galvão entre outros, ora com ele desenvolviam pesquisas, orientação e discussão sobre os rumos das ciências humanas no país, ora vinham para Curitiba ministrar cursos para os

acadêmicos que se constituiriam nos estudiosos locais.

No Paraná, Jesus Moure, Rosário Farani Mansur Guérios, Newton Freire-Maia, João José Bigarella, Riad Salamuni, Reinhard Maack, Fernando Corrêa de Azevedo, Liguarú Espírito Santo, Oswaldo Piloto, Cecília Maria Westphalen, Altiva Pilatti Balhana, Ralph Hertel, Arthur e Heloísa Barthelmess e tantos outros, junto com o prof. Loureiro criaram as bases das pesquisas científicas nas suas áreas e atuaram como professores nos cursos recém criados da Faculdade de Filosofia da UFPR. Após toda esta plêiade, os jovens acadêmicos Igor Chmyz, Margarida Davina Andreatta e Maria José Menezes iniciam suas vidas como pesquisadores e professores universitários, nas áreas de arqueologia e artes populares, com o privilégio de terem recebido de todos os contemporâneos do prof. Loureiro e dele próprio, sólida formação acadêmica, comprometida com a pesquisa, o ensino e a ética profissional.

Responsável pela formação de inúmeras gerações de universitários, muitos dos professores aqui presentes representam um universo de conhecimento que a experiência transformou em sabedoria.

O Centenário de Nascimento de José Loureiro Ascensão Fernandes é, sem dúvida, uma oportunidade para homenageá-los, mesmo sabendo que é mais uma, dentre as muitas que os senhores têm recebido.

Certamente, um trabalho profundo sobre as atividades de cada um poderia resultar, *Un mazzolino de fiori*, a exemplo do que a profa. Cecília Westphalen elaborou sobre a trajetória acadêmica da profa. Altiva Pilatti Balhana.

O conjunto dos depoimentos e a diversidade das abordagens sobre o prof. Loureiro evidenciam a complexidade deste personagem e o significado da sua atuação na realidade paranaense do seu tempo, assim como a sua contemporaneidade.